

**MARCAÇÃO DE GÊNERO EM RIKBAK TSA (MACRO-JÊ)****MARKING OF GENDER IN RIKBAK TSA (MACRO-JÊ)****Valéria Faria Cardoso-Carvalho<sup>1</sup>****Mileide Terres de Oliveira<sup>2</sup>****Período de recebimento dos textos: 04/08/2014 a 31/10/2014****Data de aceite: 10/11/2014**

**Resumo:** O Brasil possui muitas línguas indígenas em seu território, nesta pesquisa destacamos o povo Rikbaktsa, habitantes do noroeste do estado de Mato Grosso, que possui a sua língua seriamente ameaçada de extinção. A proposta do nosso trabalho é descrever e analisar a marcação de gênero na língua rikbaktsa. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, através de entrevista e coleta de dados com informantes bilíngues Português-Rikbaktsa, buscamos contribuir para a investigação descritiva e teórica das línguas indígenas amazônicas (e das línguas naturais humanas).

**Palavras-chave:** Rikbaktsa, Indígena, Gênero, Morfossintaxe, Linguística.

**Abstract:** Brazil has many indigenous languages in its territory, this research highlight the Rikbaktsa people, inhabitants of the northwestern state of Mato Grosso, which has its language seriously endangered. The purpose of our research is to describe and analyze the marking of gender in language Rikbaktsa. Through a literature search and field, through interviews and data collection with bilingual informants Portuguese-Rikbaktsa, we seek to contribute to the descriptive and theoretical investigation of Amazonian indigenous languages (natural and human languages).

**Keywords:** Rikbaktsa, indigenous, gender, morphosyntax, Linguistics.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística. Docente da UNEMAT de Alto Araguaia-MT.

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística (UNEMAT/CAPES) Cáceres-MT.

Os indígenas Rikbaktsa estão situados nos municípios mato-grossenses de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, no noroeste do Estado, possuem aproximadamente 1.800 pessoas distribuídas em 34 aldeias. Esta pesquisa busca descrever e analisar aspectos morfossintáticos da flexão nominal de gênero na língua rikbaktsa, por isso destacamos a importância de contribuir com estudos linguísticos, sobretudo na descrição linguística que pode auxiliar na elaboração de materiais didáticos a serem utilizados em escolas de ensino bilíngue.

Diante disso, nosso trabalho buscou primeiramente uma explanação sobre a cultura e língua rikbaktsa, depois um aporte teórico sobre a teoria tipológica-funcional no que tange os aspectos morfossintáticos de flexão nominal de gênero em línguas naturais. Por fim, buscamos descrever a classe de nome, com suas composições mórficas e morfêmicas; transcrevê-las foneticamente, segmentar os morfemas e, em especial, analisar a categoria de gênero.

### **Os ameríndios Rikbaktsa**

O termo “Rikbaktsa” significa: *rik* – “gente”, *bak* – “reiterativo/completamente”, e *tsa* – “plural/masculino”, podendo traduzir como “os seres humanos”.

Essa língua é tida como pertencente ao tronco linguístico macro-jê (BOSWOOD, 1971). Percebemos que atualmente no Brasil, os estudos linguísticos na área indígena vêm se aperfeiçoando, entretanto, quando se fala em etnolinguística, o estudo deve ser muito mais detalhado e acessível a outros pesquisadores. Para Seky (1999) o problema consiste na elaboração de trabalhos aleatórios, sem uma visão de conjunto da língua estudada, ela constatou que muitos trabalhos acabam não atingindo o objetivo maior, ou seja, uma gramática com terminologia descritiva acessível e dicionários.

De acordo com Athila (2006), em 1961 os pesquisadores do *Summer Institute of Linguistics-SIL* começam a atuar entre os Rikbaktsa, inicialmente de forma associada com a missão evangélica. Seus interesses eram os estudos linguísticos, sem considerar as questões assistenciais, sendo o responsável pela proposta de escrita Rikbaktsa, produzindo algumas cartilhas e um dicionário experimental, com o auxílio dos índios. Atualmente a bíblia (*pamyksohowy*) está terminada e eles veem como uma história contada.

Segundo Arruda (1992, p. 159), a população Rikbaktsa está dividida em duas metades: Arara Amarela (*Makwaraktsa*) e Arara Cabeçada (*Hazobiktsa*), cada uma delas agrupa em si parte dos integrantes dessa população, bem como elementos da natureza, flora, fauna e não-humanos. Elas são responsáveis por rituais, proximidades sociais e relações pessoais, além da regulamentação do casamento. Pacini (1999, p. 32-57) diz que os Rikbaktsa são vistos pelos habitantes da região como um povo hostil e de atitudes belicosas, tendo como principal inimigo os vizinhos Cinta Largas.

### **A pacificação Rikbaktsa**

Em 1943 o Estado Novo institui a “Marcha para Oeste” sendo um impulso do governo brasileiro para a constituição de seringais. Entretanto, esta expansão levou o contato com várias etnias indígenas e desencadeou conflitos e guerras pela luta de territórios (PACINI, 1999). Com o terceiro ciclo da borracha, os índios Rikbaktsa foram descobertos pelos seringueiros, tendo início um período de conflitos devido à exploração que se instaurou nas terras indígenas. A construção de seringais foi multiplicada, com suas feitorias e barracões espalhados a partir do rio Papagaio ao alto curso do rio Juruena, rio do Sangue, nascente e barra do rio Arinos, que atingia o território ocupado e também disputado entre os Rikbaktsa e outras populações indígenas, como os Cinta Larga, Kayabi e Iranxe (ARRUDA, 1994, p. 115). Pires (2009, p. 27)

ressalta que em 1952 consta um dos primeiros registros de morte entre Rikbaktsa e seringueiros, quando os indígenas teriam matado dois brancos – Bibiano Pedroso e José Cearense – a flechadas. Assim os conflitos foram aumentando, seringais invadidos, as terras indígenas vendidas aos colonos, muitos índios mortos e massacrados, tendo suas mulheres abusadas. Além disso, grandes empresas visavam a povoação do noroeste do estado de Mato Grosso, como a CONOMALI, instalada em 1955, em que vários colonos, geralmente provenientes da região sul do Brasil, circulavam e procuravam estabelecer-se nestas terras.

Diante disso foi necessário o início de um processo de “pacificação”, pela Missão Anchieta, tendo como responsável o Pe. João Evangelista Dornstauder, iniciada em 1956 e com término em 1962, foram 90 expedições, sendo que o primeiro contato foi realizado depois de nove meses de insistência. Os relatos de como se deu esta ação estão em documentos e diários registrados pelo pacificador e foram reunidos e analisados na tese de Aloir Pacini: *Pacificar - Relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa* (1999).

De acordo com Pacini (1999, p. 17), a pacificação dos Rikbaktsa aconteceu em três fases: primeiramente o objetivo era atraí-los para amansá-los, depois “impor” a educação através dos Postos de Assistência Indígena, a fim de transformá-los em “semi-selvagens” e, por fim, introduzi-los ao mundo do trabalho, qualificando os indígenas pelas técnicas agrícolas e industriais. O processo de atração aconteceu pela criação de postos de assistência indígena - PAIs, que eram implantados ao longo da região de circulação dos índios. Após algumas expedições, o jesuíta Dornstauder cria três postos de assistência nos rios Arinos e do Sangue, depois a missão luterana funda um posto no rio Juruena (ATHILA, 2006). Dentre tantas metas, o objetivo principal foi alcançado, pois conseguiram cessar as mortes entre índios e brancos.

Atualmente os Rikbaktsa vivem pacificamente em suas aldeias e alguns residem nos centros urbanos, pois buscam qualificação profissional.

No próximo capítulo abordamos algumas considerações gerais sobre língua e gramática, para posteriormente especificarmos a língua rikbaktsa.

### **A língua e a gramática**

Neste capítulo vamos abordar os principais autores que nos auxiliaram para o desenvolvimento da análise da língua rikbaktsa em relação aos aspectos de construção nominal do gênero, pois compreendemos que o estudo deve ser focado para melhor aproveitamento das análises e resultados, considerando o que Laroca (2003, p. 72) denomina de processo de formação de palavras, num recurso de expansão lexical.

É através da língua que se detém a comunicação e ela não deve ser estudada isoladamente, pois de acordo com Chomsky (1965) a mesma envolve um conjunto de percepções semântico-fonéticas que são determinadas pela sua estrutura sintática.

O estudo das línguas indígenas é de fundamental importância para a expansão dos estudos etnolinguísticos, acerca da preservação e conhecimento das línguas indígenas vigentes em nosso país. Deste modo, destacamos o modelo gerativista de Chomsky (1994) que vem sendo desenvolvido desde meados dos anos 50 e seu objeto é a gramática universal (GU), em que acredita-se que há uma estrutura sintática inata, relativa à linguagem humana. Um pressuposto muito caro ao Gerativismo é a questão da competência do falante para julgar sobre sua própria língua. Desta maneira, Chomsky (1965, p. 04-05) define competência como *“the speaker-hearer’s knowledge of his language”*, mas ele percebe que as comunidades não são homogêneas, os falantes não têm conhecimento integral da língua. Assim, ele aborda a gramaticalidade, que segundo o gerativismo, pertence ao estudo da

competência, enquanto a aceitabilidade se restringe à performance (CHOMSKY, 1965, p. 03-15). O julgamento da gramaticalidade considera aquilo que o falante sabe sobre sua língua sem importância para uma descrição, dada a complexidade desse objeto de estudo.

As dimensões de reflexão metalinguística e o grau de domínio da língua do analista são questões importantes sobre seu funcionamento, mas as verdades universais dependem do observador e dos modelos de descrição linguística. Além disso, todo cientista deve ter um distanciamento em relação ao seu objeto de estudo, pois pode fazer transferências ou injunções.

Nos anos que antecederam o gerativismo este julgamento era posto em dúvida: *“the decision rests with the native speaker of the language, and to this extent the description of any language will be subjective”* (NIDA, 1949, p. 56-57). O falante é apenas um observador de sua língua e pode, involuntariamente, falsear muitas conclusões.

Além disso, devemos considerar que as línguas naturais alteram-se com o tempo, à medida que se aceita as transformações, abandona-se a visão diacrônica. Perante pares como *groom/bridegroom, sand/sandblind, fake/fakir, noise/noisome*, Nida (1949, p. 56-57) afirma que *“such data are in conflict with the history of language, but are pertinent to a descriptive analysis”*. Nida não nega a história, mas a considera apenas para finalidades metodológicas. Contudo, a integração entre história e descrição é buscada hoje com muito empenho, a introspecção não consegue substituir a investigação dos dados, pois a primeira se volta para o aspecto funcional da língua e a segunda, para o tipológico.

É no processo de aquisição da linguagem que acontece o desenvolvimento sintático, seguindo primeiramente a Gramática Gerativa e, posteriormente, o modelo de Princípios e Parâmetros, em que à medida que os

parâmetros não sendo fixados, vão se constituindo as gramáticas das línguas. A gramática é um módulo específico ligado à faculdade da linguagem, considerado como um sistema internalizado de Princípios e Parâmetros que determinam as possibilidades de formação de sentenças em uma língua.

Começamos nossos estudos buscando a definição da palavra. Entretanto, não é tão simples definir o que é uma palavra, um dos problemas básicos é identificar os critérios para definirmos as unidades básicas de estudo em Linguística. Podemos, de maneira geral, definir a palavra como a unidade mínima que pode ocorrer livremente, assim definimos a unidade máxima da morfologia. A unidade mínima, por sua vez, seriam os elementos que compõem uma palavra e o conhecimento desses elementos é o que nos permite entender o significado de palavras que nunca ouvimos antes. Diante disso, os elementos que carregam significado dentro de uma palavra são os morfemas.

Usamos o termo morfema proposto pelos pesquisadores do final do século XX, como Anderson (1992), Aronoff (1976) e Halle e Marantz (1993). Anderson (1992) questiona a importância de um conceito de morfema material, e explora aspectos como a existência de estrutura sem significado, dando preferência às Regras de Formação de Palavras de Aronoff (1976) como explicação morfológica. Halle e Marantz (1993) propuseram a Morfologia Distribuída, em que os morfemas são vistos como elementos terminais de árvores sintáticas, independentemente de terem ou não conteúdo fonológico e da sua especificidade. Assim sendo, os morfemas podem ser vistos como complexos de características morfológicas.

Segundo Peter (2012), a morfologia lexical é baseada na derivação e a morfologia flexional na flexão, sendo a unidade de estudo a palavra e o morfema. A palavra é constituída pela forma vocabular e o lexema, a primeira

consiste nas formas de realização dos verbos ou nomes e a segunda da unidade abstrata.

De acordo com Peter (2012), a tipologia morfológica acontece via morfemas ou lexemas, cabe ao linguista identificar os morfemas ou lexemas nas diferentes línguas do mundo. Como por exemplo a palavra “felizmente”, dizemos que “feliz” é um morfema lexical ou lexema, pois apresenta um sentido dicionarizado, mas “-mente” é considerado um morfema gramatical, pois desempenha a função de transformar um adjetivo (feliz) em um advérbio (felizmente).

A estrutura interna das diferentes classes de palavras, como as raízes e seus marcadores gramaticais são demonstrados através das propriedades estruturais, por meio do exame das operações flexionais e derivacionais. E as distribucionais distribui as categorias em sintagma, cláusulas e textos.

Em relação às propriedades estruturais, ao distinguir a estrutura morfológica derivacional e flexional das classes de palavras, podemos identificar morfemas codificados para o uso exclusivo de cada uma das classes, ou ainda, morfemas que podem estar presentes em mais de uma classe de palavra.

Para Rosa (2000), as partes do discurso têm como uma de suas raízes o significado das palavras, essa referência é o significado lexical, que possibilita o entendimento de uma palavra pelo dicionário, outro significado refere-se ao mundo dos objetos, que são as categorias gramaticais, mas a associação dos significados dessas categorias depende da língua estudada.

### **Gênero em línguas naturais**

O objetivo deste trabalho é analisar a marcação de gênero na língua rikbaktsa, por isso neste tópico vamos abordar as diferentes maneiras de propagação do gênero em línguas naturais.

Gênero gramatical não tem relação com o “gênero natural” ou sexo, tanto no sentido de que “gênero” não é uma categoria que pode dizer respeito apenas a “feminino” e “masculino”, quanto no sentido do “feminino” e do “masculino” gramatical que podem não corresponder, respectivamente, os sexos feminino e masculino. De acordo com Aronoff (1994, p. 66), a propriedade de gênero como classe gramatical de substantivos, se distingue das outras “com respeito à concordância e não que elas são baseadas em sexo”.

Câmara Jr (1973, p. 78) afirma que o gênero é uma distribuição em classes mórficas, para os nomes, da mesma sorte que o são as conjugações para os verbos, com a diferença que “as conjugações verbais não têm a menor implicação semântica”, ao passo que a oposição masculino-feminino serve frequentemente para a oposição entre si, distinguir os seres por certas qualidades semânticas. Segundo Barbosa (1881, p. 85), gênero “quer dizer classe, e esta é a coordenação de muitos indivíduos ou coisas que tem alguma qualidade comum a todos”. Deste modo, o gênero gramatical é um aspecto linguístico que permite classificar certas classes gramaticais (substantivos, verbos, adjetivos, etc.) em um número determinado de categorias.

O mais comum nas línguas indo-europeias são o uso de três gêneros (masculino, feminino e neutro) ou dois (masculino e feminino). A família indo-europeu é composta por várias línguas da Europa, Irã e do norte da Índia, são faladas por cerca de três bilhões de falantes nativos. Quando se refere a seres vivos sexuados, o gênero é ligado ao sexo do indivíduo, mas em outros casos, a atribuição pode ser aleatória, pois um mesmo nome pode ser referido como masculino numa língua, como em francês: *le lit* (o cama), feminino numa segunda, como em português: *a cama*, e neutro numa terceira, como no alemão: *das bett*.

Entretanto, há idiomas que podem chegar a ter 20 gêneros, como algumas das línguas banto (também pode referir-se como bantu), pertencente ao grupo benue-congolês da família linguística nígero-congolesa, que possuem mais de 600 línguas faladas nos países africanos a sul do Equador, por aproximadamente 300 milhões de pessoas. O uso extensivo de prefixos é uma característica gramatical dos idiomas banto, cada substantivo pertence a uma classe e cada idioma pode ter aproximadamente dez classes, que são indicadas por um prefixo no substantivo, como também em adjetivos e verbos que possuem concordância.

Neste contexto, há, ainda, aquelas línguas que não apresentam nenhum gênero, como ocorre nos idiomas basco e húngaro. O basco é o idioma ancestral falado pelo povo que habitou o País Basco, do nordeste da Espanha ao sudoeste da França. E o húngaro, por sua vez, é falado por cerca de 14 milhões de falantes, sendo a língua oficial da Hungria, uma das 24 línguas oficiais da União Europeia e falada por sete países vizinhos, como Romênia e Eslováquia.

Podemos também encontrar línguas em que os gêneros sejam animado x inanimado, redondo x comprido, entre outros. Conforme afirma Corbett (1991, p. 04), “o critério determinante de gênero é a concordância; esse é o modo pelo qual os gêneros são refletidos no comportamento de palavras associadas”. Há uma necessidade de definir a concordância, pois algumas línguas possuem um sistema de gênero, por exemplo aquelas em que os pronomes são a única evidência para gênero.

A maneira do gênero gramatical se apresentar nas diversas línguas do mundo pode variar bastante, pois as classificações de gênero são inerentes a cada língua, podendo em umas ser fundamental e difundido, enquanto que em outras ele pode ser totalmente ausente (CORBETT, 1991).

Segundo Borges (1997, p. 29), “é comum as pessoas interpretarem o fenômeno da diferenciação entre as falas feminina e masculina como sendo o gênero gramatical”. No português, por exemplo, encontramos uma questão em relação ao agradecimento “obrigado”, pronunciado pelos homens e “obrigada”, falado pelas mulheres. A flexão no feminino acontece porque a mulher está “muito agradecida” por algum favor que recebeu, mas se o agradecimento se tratar de uma interjeição, então ambos os sexos podem falar “obrigado”.

A maneira como um falante atribui gênero às palavras que conhece pode ser pelo seu significado (semântica) ou pela sua forma, esta última pode acontecer pela “estrutura da palavra, compreendendo derivação e flexão (morfologia) ou através da estrutura sonora (fonologia)” (CORBETT, 1991, p. 07-08).

Quando para estabelecer o gênero de um nome nos referimos a mais de uma forma – seja a diferentes formas flexionais, como no caso do Russo; ou ao nome e aos elementos dos quais ele é derivado, como no Alemão – então nós estamos lidando com uma “regra de assinalamento morfológico”, mas quando nos referimos a uma única forma, então se trata de uma “regra fonológica” (CORBETT, 1991, p. 51).

### **A flexão e derivação de gênero**

Conforme já foi mencionado, no português, por exemplo, as categorias gramaticais são baseadas em flexão, usadas na língua para agregar traços específicos ao significado da palavra, como o caso da categoria de gênero. No português há dois gêneros (masculino e feminino) que definem um traço semântico. Porém, há casos como a palavra chaleira, que mesmo sendo um substantivo assexuado, está associada a um gênero que garante a regra de concordância sintática.

As fronteiras entre flexão e derivação tem sido abordadas de várias formas, alguns autores postulam uma separação entre ambos os fenômenos, enquanto outros analisam como fazendo parte de um continuum, esta última será a posição adotada aqui. Bybee (1985) afirma que não há uma separação discreta entre flexão e derivação, a partir do estudo das formas, através do seu sentido e do contexto em que estão inseridas.

A relevância semântica e a generalidade lexical determinam se uma categoria gramatical será expressa como lexical ou como sintática. A relevância semântica refere-se a quanto um elemento semântico afeta ou modifica o significado de outro. Quanto maior a relevância, mais próximo o elemento estará da expressão lexical. A generalidade lexical, diz respeito à possibilidade de aplicação de determinado elemento, pois quanto mais geral, mais próximo o elemento estará da expressão sintática.

Pensando na diferença entre flexão e derivação, Câmara Jr. (1973, p. 81-82) afirma que a derivação é de “caráter fortuito e desconexo”, não constitui “um quadro regular, coerente e preciso”, e existe a “possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado”. Na flexão, por outro lado, “há obrigatoriedade e sistematização coerente”, e ela “é imposta pela própria natureza da frase”. Desta maneira, a derivação forma um novo vocábulo, e a flexão não introduz um novo termo no quadro existente.

Para Bybee (1985), a distinção entre flexão e derivação é uma questão de grau, pois elas integram um continuum, e a proximidade entre elas está relacionada aos fenômenos de relevância semântica e generalidade lexical.

Para definir o termo categoria, Rosa (2000) adota a nomenclatura de P.H. Matthews, em que a representação das dimensões de um paradigma, como o gênero, é a categoria morfossintática, pois cada possibilidade de contraste no interior de uma dimensão, será a propriedade morfossintática e essas

propriedades são conjuntos de noções relacionadas que se aplicam a uma determinada classe ou categoria, como por exemplo: para a categoria gênero, temos a propriedade masculino ou feminino, onde apenas uma possibilidade é permitida.

Gonçalves (2011) aborda quinze parâmetros para separar rigidamente a morfologia flexional da morfologia derivacional. Neste trabalho, destacamos a flexional e seus parâmetros relevantes para a língua Rikbaktsa.

Para Anderson (1992, p. 589), uma peculiaridade da flexão é que “categorias flexionais são relevantes sintaticamente, uma vez que refletem uma profunda relação entre a estrutura das sentenças”. A flexão possui uma obrigatoriedade sintática, pois a flexão é requerida pela sintaxe da sentença. Para Gonçalves (2011, p. 13), “a flexão força escolhas por parte dos falantes e, por isso mesmo, afixos dessa natureza são obrigatórios: têm uso compulsório e são previsíveis a partir de uma construção sintática”. Diante disso, pelo parâmetro **relevância sintática**, o gênero é uma categoria flexional.

Consideramos um afixo flexional, se o significado que veicula manifesta-se apenas morfologicamente. Segundo Gonçalves (2011, p. 73)

uma unidade de conteúdo pode se manifestar morfologicamente por um afixo (“coisa”) ou por um processo (“regra”). O português, como as demais línguas indo-europeias, apresenta morfologia predominantemente aglutinativa, uma vez que a grande maioria das operações envolve concatenação de afixos ou de radicais: flexão (feliz-es), sufixação (pagod-eiro), prefixação (in-certo), composição (puxa-saco) e circunfixação (des-alm-ado) são processos sintagmaticamente caracterizados pela sucessão linear de formativos, de modo que há condições ótimas para a isolabilidade de elementos morfológicos.

Para Anderson (1992), uma peculiaridade da flexão é que “categorias flexionais são relevantes sintaticamente, uma vez que refletem uma profunda relação entre a estrutura das sentenças”. A flexão possui uma obrigatoriedade sintática, pois a flexão é requerida pela sintaxe da sentença. Para Gonçalves

(2011, p. 13), “a flexão força escolhas por parte dos falantes e, por isso mesmo, afixos dessa natureza são obrigatórios: têm uso compulsório e são previsíveis a partir de uma construção sintática”. Deste modo, pelo parâmetro relevância sintática, o gênero é uma categoria flexional em português.

Na morfologia flexional, a flexão é como as categorias de uma palavra morfossintática inerentes à sintaxe. De acordo com Rosa (2000) a flexão em gênero no nome é inerente – no sentido de propriedade do lexema – por isso pode retirá-la do âmbito da flexão, e identificá-la como lexical.

### **Análise do gênero em rikbaktsa**

Nossa primeira análise da língua rikbaktsa consiste na morfologia de sufixação da classe de nomes, cujo referente [+ humano], admite-se flexão de gênero, em que recebem sufixos, ou seja, lexemas que indicam o gênero e o número do determinante.

Retomando a relevância sintática proposta por Anderson (1992), percebemos que neste caso os afixos são obrigatórios, as propriedades inerentes são acessíveis à sintaxe, as propriedades de concordância são definidas sintaticamente, têm relação com a regência textual, e as propriedades de constituinte são aquelas que realizam-se em uma única palavra da estrutura, marcadas por um traço flexional. Deste modo, pode ser dividida em duas subclasses: na primeira apenas os nomes femininos se flexionam para gênero, tanto no singular *-tatsa*, quanto no plural *-ɫa*, enquanto que os masculinos se flexionam apenas no singular *-ta*, pois no plural recebem o sufixo *-tsa*:

Novo - *jabasita*

Nova - *jabasitatsa*

Velhos - *istsekbatsa*

Velhas - *istsekbaɾa*

Para Gonçalves (2011, p. 95), numa expressão flexional, “cada elemento semântico se manifesta numa unidade individual de expressão no interior de uma palavra morfologicamente complexa”. Desta forma, na expressão flexional há o reconhecimento de formas mínimas significativas, que se materializam em uma determinada unidade formal.

Percebemos que os afixos são geralmente empregados como sufixos das palavras, reforçando a morfologia de sufixação na língua rikbaktsa. De acordo com Gonçalves (2011, p. 75), “as categorias flexionais do português se manifestam pela adjunção de um afixo à direita da base”, assim, como por exemplo, -o, -a (‘aluno’ – ‘aluna’). Em rikbaktsa a adjunção do afixo também acontece à direita da base: -ta, -tsa (‘*Pinymykyta*’- ‘*Pinymykytatsa*’), sendo que os sufixos caracterizam o gênero feminino e masculino. Assim como nas profissões que se diferem pelo sufixo, em que *-ta* marca o feminino. Veja os exemplos:

Enfermeiro

*Mydowykytsa*

[midaw’ikit]a]

Enfermeira

*mydowykytsa ta*

[midaw’ikit]a ta]

O sufixo *-tsa*, além de marcar o feminino, conforme os exemplos, também se refere ao plural do masculino.

Exemplos:

*maku mukarekenaha*

“homem dançando”

*makutsa mukarekenaha*

“homens dançando”

### O léxico de palavras que designam animais em rikbaktsa

Em português, distinguem-se dois conjuntos de nomes quanto ao gênero: os masculinos ('pente', 'livro') e os femininos ('ponte'/ 'casa') (GONÇALVES, 2011, p. 77). Segundo Cardoso (1998, p.20 apud GONÇALVES, 2011, p. 77), em latim, diferentemente, “substantivos e adjetivos se distribuíram por três grupos paradigmáticos, uma vez que essa língua também reconhece o gênero neutro, conjunto característico, na grande maioria das vezes, *dos nomes referentes a seres assexuados*.” Mesmo que em latim a referência do gênero neutro seja designada a classe de seres assexuados, percebemos que na língua rikbaktsa os animais não possuem marca de gênero, havendo apenas uma palavra para designar determinado animal, sem distinguir seu sexo por nenhuma marca morfológica. Conforme observamos nas palavras:

anta - *piku*

marreco - *ubaikza*

ariranha - *jakārã*

morcego - *byrizuk*

cachorro - *itsikuparini*

Retomamos a ideia de Dubois (et al, 1973), em que o gênero manifesta-se pela oposição de sexo: masculino/feminino, e macho/fêmea.

Quando se faz necessário indicar o sexo de animais, são acrescentadas ao nome as palavras *maku* - 'homem ou macho' e *wytyk* - 'mulher ou fêmea'. Como por exemplo: *piku wytyk* – anta fêmea e *piku maku* – anta macho.

Enfatizamos que *maku* também pode significar “marido/homem” e *wytyk*, “esposa/mulher”, mas *wytyk* (não prefixada) também significa “terra” e admite prefixos e sufixos verbais, significando “enterrar” ou “cemitério”.

Exemplo:

*ka-je-wytyk*

1sg-mãe-terra



“cemitério da minha mãe”

lugar onde ela está enterrada

Além disso, o sexo feminino nos animais pode ser marcado pela palavra *oke*, a qual, sozinha significa “esposa”. Veja os exemplos:

Gata – (comparado com onça)

*pariniza oke*

[parinĩʔa oʔkeʔ]

Gato– (comparado com onça)

*pariniza maku*

[parinĩʔa maʔkuʔ]

Onça-homem

Os nomes são “masculinos” ou “femininos”, os termos “macho” ou “fêmea” lhes são acrescentados para distinção de sexo. Barbosa (1881, p. 85) afirma que os animais se “distinguem em duas classes ou gêneros, segundo os dois sexos de macho e de fêmea”, mas alguns gramáticos relacionam os nomes dos primeiros na classe ou gênero masculino e os do segundo, no feminino. Constituindo-se:

macho - gênero *masculino*

fêmea - gênero *feminino*

sem sexo- gênero *neutro*

Os gêneros masculino, feminino e neutro co-ocorrem juntos em um sistema linguístico: gênero natural e gênero gramatical. O primeiro é associado a relação entre a palavra e o sexo e o segundo com as relações gramaticais de concordância entre os substantivos e outras classes gramaticais.

Desta maneira, os exemplos apresentados, como *piku maku*, *piku wytyk*, seriam as classes naturais, “em que entram só os animais (BARBOSA, 1881, p. 86)”, pois o gênero é determinado pela significação, mas também existe as classes arbitrárias ou gênero gramatical, em que o gênero é

determinado pela analogia entre a sua terminação e a dos nomes fixados pelo uso, como por exemplo, em português: menino e menina, e em rikbaktsa: *Myhyinymykyta* e *Myhyinymykytatsa*, professor e professora.

Assim como em francês, o gênero pode ser diferente do português, como por exemplo, pela marca do artigo definidor, em que *le* significa “o” e *la* tem o significado de “a”. Deste modo, podemos falar *la maison*, *le pain*, *la voiture*, ou seja, “a casa”, “o pão” e “a carro”, veja que o último exemplo é empregado o artigo definidor feminino, pois em francês a palavra carro (*voiture*) é um substantivo feminino, por isso vem definido pelo artigo feminino *la*. Conforme afirma Nogueira (1956, p. 62-63):

Devemos dizer que os dicionários apresentam os qualificativos *macho* e *fêmea* como biformes, o que nos parece superficialidade. Tais qualificativos servem para esclarecer o sexo dos animais, cujos nomes não têm flexão genérica. Diz-se *a* cobra, *o* urubu. Uns indicam-se pelo masculino; outro feminino. Se, porém, temos de precisar o sexo, juntamos o qualificativo *macho* e *fêmea*. E basta. Para que dizer também: a cobra *macha*, o urubu *fêmeo*? Haveria diferença entre uma cobra *macho* e uma cobra *macha*? Entre um urubu *fêmea* e um urubu *fêmeo*?

Não se tem, na realidade, nem flexão, nem distinção de gênero, e sim de sexo. Segundo Câmara Jr (1973, p. 79), não podemos mudar o gênero do nome com a indicação do sexo por meio dos termos macho e fêmea, sendo que “continuamos a ter “a cobra macho”, no feminino, como assinala o artigo feminino “a”, e, como o artigo masculino “o” continuamos a ter o masculino “o tigre fêmea”.

### **Critério de expressão flexional**

Se em português o gênero dos nomes é estabelecido de acordo com a determinação do artigo que antecede o nome, em rikbaktsa, a flexão do artigo acontece no sufixo, acrescentando *-tsa* para feminino na palavra que designa o artigo definidor *babata* e o masculino permanece da mesma forma. Este

processo constitui a expressão flexional, em que cada elemento semântico é expresso por um morfema, que se unem numa única lexia (BYBEE, 1985).

Exemplos:

*Maku babata*

homem art-def-masc

“o homem”

*Wytyk babatatsa*

mulher art-def-fem

“a mulher”

### O prefixo como marca de posse

Na língua rikbaktsa, o prefixo manifesta a pessoa do sujeito: *kabarikta* - meu marido; *kaoke* - minha esposa. Diante disso, os pronomes pessoais podem ocorrer como formas livres funcionando como sujeito, pois o sujeito pronominal é indicado por meio de afixos, presos aos nomes. Desta maneira, percebemos que retirando os seus respectivos prefixos, o restante da palavra representa o seu referente. Deste modo, marido e esposa, possui duas diferentes palavras para representar dois distintos referentes: *barikta* – marido, *oke* – esposa. Assim como, homem e mulher, que possuem o significado, respectivamente *maku* e *wytyk*, podendo também significar marido e esposa, conforme já foi mencionado.

Neste caso, evidenciamos que as informações de gênero podem ser objetivas, uma palavra representa um referencial feminino, e outra, um referencial masculino. Para Gonçalves (2011, p. 121), o gênero pode ser absoluto, ou seja, “não depender de julgamento pré-estabelecidos pelo falante.” Assim, toda vez que um Rikbaktsa for se referir a um homem, ele irá pronunciar a palavra *maku*, e quando for se referir a uma mulher: *wytyk*.

### **Alternância na designação do referente pelos falantes rikbaktsa**

Os homens e mulheres podem apresentar diferenças na fala que podem estar relacionadas a questões sociolinguísticas ou biológicas. Em relação aos fatores biológicos, Borges (1997, p. 65) afirma que existem diferentes especificidades da fisiologia humana para cada sexo, sobretudo no que diz respeito à diferença nas cordas vocais, bem como nas suas vibrações que influenciam na altura da voz, estes fatores independem da vontade do falante, pois são características próprias do aparelho fonador humano.

Em rikbaktsa, quando determinado referente é falado por homem ou mulher, o léxico é alterado, principalmente nas relações de parentesco. Vejamos os exemplos:

*kaeky* - minha irmã mais velha (falado por mulher)

*kazawy* - minha irmã mais velha (falado por homem)

*kaokaha* - meu irmão mais velho (falado por mulher)

*kaziky* - meu irmão mais velho (falado por homem)

O sexo do falante determina a maneira de falar algumas palavras em rikbaktsa, ou seja, a mulher se refere a minha irmã mais velha pela palavra *kaeky*, mas o homem, quando for expressar a mesma ideia, fala-se: *kazawy*.

Para Dik (1989), o processo de competência comunicativa esquematiza um modelo de interação verbal em que o falante seleciona o registro a ser utilizado na sua atuação linguística, na espera que o seu destinatário possa receber as informações de maneira acertada, compreendendo o contexto e revezando o papel de ouvinte e falante que os indivíduos assumem durante essa interação.

Butler (2003) afirma que a função interpessoal da linguagem compreende os papéis sociais no evento de fala e no processamento cognitivo, permitindo a eficiência da interação e comunicação entre ouvintes e falantes. É nesse processo que incluímos os Rikbaktsa, os homens e mulheres desta etnia

reconhecem a fala e sentenças do outro, mesmo não usando-as. Diante disso, eles estabelecem uma interação social com a língua por meio do conhecimento pragmático que envolve a comunidade.

Segundo Shopen (2007), sentenças imperativas são utilizadas para obter ou aconselhar o ouvinte a fazer algo, além de terminar com um ponto de exclamação. Apresentamos abaixo algumas sentenças imperativas em rikbaktsa:

*Oh, kytsa! uta myz-zomo-ko-cta!* (fala masculina)  
gente! **1sg/masc** aux-aproximar-cont-hort masc sg  
Oh, gente! Eu estou me aproximando!

*Oh, kytsa! Ikza myzzomo-ko-ky!* (fala feminina)  
gente! **1sg/fem** aux-aproximar-cont-hort fem  
Oh, gente! Eu estou me aproximando!

*Uta my-spirikpo-ko!* (fala masculina)  
Eu **1sg/masc** (estou) trans-aprender-continuativo  
Eu estou aprendendo!

*Ikza my-spirikpo-ko!* (fala feminina)  
Eu **1sg/fem** (estou) trans-aprender-continuativo  
Eu estou aprendendo!

Os resultados desta pesquisa atestam que, o pronome pessoal “eu”, as mulheres falam *ikza*, enquanto homens utilizam a forma *uta*. Este trabalho confirma que algumas palavras variam de acordo com a fala do homem e da mulher, não se tratando de gênero gramatical, mas sim, de gênero natural. Ambos os sexos se interagem em determinados diálogos fazendo uso do seu léxico específico. Segundo Basílio (2009, p. 09)

o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação [...]. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo as unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

Podemos dizer que os Rikbaktsa estabelecem a interação na comunicação mesmo com uma parte do seu léxico sendo diferenciado. Cada falante, de acordo com seu sexo, utiliza o seu léxico específico e tem a competência para reconhecer o léxico da pessoa do sexo oposto.

Trazemos um diálogo em que podemos perceber a diferença das falas femininas e masculinas quando um se refere a outro ou ao mesmo sexo:

*ikia sa i-akparawy*

você **INTER-fem** 2<sup>a</sup>sg-rel-gostar

você gosta dele? (mulher falando para mulher)

*ikia ja i-akparawy*

você **INTER-masc** 2<sup>a</sup>sg-rel-gostar

você gosta dela? (mulher falando para homem)

*ikia taja i-akparawy*

você **INTER-sing-masc** 2<sup>a</sup>sg-rel-gostar

você gosta dela? (homem falando para homem)

O prefixo *-i* indica posse, mas não distingue o feminino do masculino:

*iakparawy*

gostar **dele**/gostar **dela**

Lembrando que *-sa* é a partícula que marca a interrogação para a fala feminina, quando está se comunicando com outra mulher, como no primeiro exemplo, e *-ja* na fala masculina, ao se referir a um homem. Quando o homem está falando para outro homem, ele pronuncia *-taja* porque *-ta* marca o

singular masculino e *-ja* a interrogação masculina, conforme o último exemplo.

### **Considerações Finais**

A ameaça de extinção nos parece ser a problemática gritante que nossa pesquisa, despretensiosamente, almejou tratar ao esperar contribuir com estudos linguísticos do povo Rikbaktsa. Assim sendo, destaca-se a necessidade de se desenvolver trabalhos de preservação da língua nativa.

Temos por hipótese que a coleta de dados linguísticos advindos de colaboradores indígenas anciões (os únicos que ainda falam fluentemente a língua rikbaktsa) auxilia na preservação da visão de mundo deste povo. Por isso desenvolvemos esta breve análise da marcação de gênero em rikbaktsa e podemos constatar que ela acontece por meio da flexão nominal, sobretudo através de sufixos. A relevância sintática foi um parâmetro observado na flexão de gênero, assim como a diferença de fala masculina e feminina. Detectamos diferenças de gênero gramatical e natural e que pela interação social, os homens e mulheres desta etnia reconhecem a fala do outro.

Inegavelmente, são mui importantes os conhecimentos advindos destas pesquisas linguísticas e antropológicas a respeito dos Rikbaktsa, no entanto, há a necessidade de se consolidar estudos outros que possam auxiliar na revitalização da língua rikbaktsa. Assim, esta pesquisa se justifica por seu intuito de contribuir com as pesquisas já elaboradas sobre a preservação da língua rikbaktsa e a propagação da mesma para as gerações mais jovens, sendo a língua a maior riqueza de um povo, sobretudo dos indígenas que sofreram com os massacres ocasionados pelos fatores sócio-histórico e merecem o registro daquilo que resta de sua herança linguística.

## Referências

- ANDERSON, Stephen R. **A-morphous morphology**. Cambridge MA: Cambridge University Press, 1992.
- ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. Cambridge MA: The MIT Press, 1976.
- ARRUDA, Rinaldo S. V. **Os Rikbáktsa: mudança e tradição**. (Tese de doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.
- ATHILA, Adriana Romano. **“Arriscando corpos.”** Permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do sudoeste Amazônico. (Tese de doutorado). Rio do Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- BARBOSA, Jerônimo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem**. 7ª Ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1881.
- BASÍLIO, M. **Formação de classe de palavras no português do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- BOSWOOD, Joan. **Phonology and morphology of Rikbaktsa and a tentative comparison with languages of the Tupi and Jê families**. (Dissertação de Mestrado). Mémoire de maîtrise en Linguistique: Reading University, 1971.
- BORGES, M. V. **As falas feminina e masculina no Karajá**. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.
- BUTLER, C. S. **Structure and function: a guide to three major structural-functional theories**. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2003.
- BYBEE, Joan. **Morphology**. A study of the relation between meaning and form. Amsterdã: John Benjamins, 1985.

- CÂMARA Jr., Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT, 1965.
- \_\_\_\_\_. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.
- CORBETT, Greville. **Gender**. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1991.
- DIK, S. C. **The theory of functional Grammar**. Dordrecht-Holanda/Providence RI-USA: Foris Publication, 1989.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GONÇALVES, Carlos A. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Orgs.) **The view from building 20**. Cambridge MA: The MIT Press, 1993.
- NIDA, Eugene A. **Morphology: the descriptive analysis of words**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.
- NOGUEIRA, Júlio. **Indicações de Linguagem**. col. "Rex", n.º15. Rio de Janeiro: Simões, 1956.
- PACINI, Aloir. **Pacificar: Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa**. (Dissertação de Mestrado). Rio do Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- PETER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística II – Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social**. 2009.196f. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: [www.tese.usp.br/teses-disponiveis/8/.../PAULA\\_W\\_LORENA\\_PIRES.pdf](http://www.tese.usp.br/teses-disponiveis/8/.../PAULA_W_LORENA_PIRES.pdf). Acesso em: 01, Jul, 2014.

ROSA, Maria C. **Introdução à Morfologia**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SEKI, Lucy. **A Linguística Indígena no Brasil**. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29, Mai, 2011.

SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description: Volume 1, Clause Structure**. New York: Cambridge University Press, 2007.